



UFRJ

JULIANA OLIVEIRA VALLE DOS SANTOS

MANIFESTO DA FÉ

Rio de Janeiro

2019

JULIANA OLIVEIRA VALLE DOS SANTOS

DRE: 115027424

Artes Cênicas – Indumentária / BAT/ Escola de Belas Artes – UFRJ

Projeto: MANIFESTO DA FÉ

Orientador: Ronald Teixeira

Data da defesa: 10/12/19

Resumo: Este projeto se inicia com a ida ao Círio de Nazaré, também conhecido popularmente como “carnaval devoto”, em Belém do Pará. Ao conhecer a festa, surgiu a vontade de trabalhar sobre ela, e sobre fé e religiosidade, conceitos que fazem parte da história de vida da pesquisadora. Embarcando num processo atávico, foi possível descobrir onde se queria chegar com este projeto: na hipocrisia que domina o cristianismo dos dias de hoje. Os valores cristãos giram em torno da caridade, compaixão, misericórdia e do amor ao próximo. A humanidade, em algum momento, distorceu esses conceitos em nome da ambição, da busca desenfreada pelo dinheiro e por poder. Alguns seres decidiram não amar ao próximo e pregar isso como verdade absoluta, usando a fé do povo como uma arma para se prevalecer. Este projeto visa questionar e criticar a hipocrisia nos que usam o nome de Deus em benefício próprio.

Palavras chave: Círio de Nazaré, Cristianismo, Hipocrisia.

Ambientação histórica

Esse projeto se inicia com a ida ao Círio de Nazaré em Belém do Pará em outubro de 2017, que promoveu encantamento pelas cores e formas, pela alegria do povo e fé dos romeiros. Fé esta que ultrapassa a razão, levando um corpo humano aos limites do sacrifício. A energia emanada pelas pessoas devotadas à Santa, Nossa Senhora de Nazaré, foi algo que cativou imensamente. Se fez necessário falar sobre a festa. Sagrada e Profana. Ao mesmo tempo em que é um momento de grande fé, é também um momento de festas de rua, ambulantes e cortejo. As palavras “carnaval devoto”, como é conhecido o Círio de Nazaré, realmente fizeram sentido. A pesquisadora, como boa amante de carnaval e advinda de uma família católica, se sentiu imersa em um sonho se tornando realidade, e a partir daquele momento, não houve dúvida de que havia necessidade de trabalhar em cima desse acontecimento anual que é o Círio de Nazaré.

Todo ano o comitê do Círio escolhe um(a) estilista paraense e bordadeiras locais para a confecção do manto de Nossa Senhora, que deve estar relacionado ao tema da Campanha da Fraternidade do ano. Esse processo do manto provocou imenso encantamento pelo cuidado com que é pensado o Círio de Nazaré, essa festa que só cresce a cada ano.

A escolha de orientador foi o professor Ronald Teixeira. Sem ideias concretas sobre por onde começar, apenas consciente sobre a temática do TCC, inicia-se uma investigação sobre por onde caminhar com este projeto. No início, as falas e o tom do trabalho assumiam postura de homenagem.

A família da pesquisadora sempre foi espiritualizada. Avó e mãe são católicas praticantes. A avó principalmente é bem fervorosa com relação a estar presente nas missas e celebrações, ela tem uma relação bem estreita com a religião. Ao utilizar o termo “espiritualizada”, não se quer dizer que elas são apenas religiosas, mas sim que possuem grande sensibilidade espiritual. Por serem sensíveis à fé, ao que não se pode tocar nem ver, apenas acreditar, e sempre terem tido esse contato próximo com Deus e os princípios cristãos de caridade, misericórdia, amor ao próximo, elas conseguem exercer rara empatia com o próximo, com a mente aberta para as diversas formas de vida e sabendo que o amor está acima de tudo. Portanto, a religião nunca foi algo ruim para a pesquisadora. Nunca foi pesado ou incômodo.

Essas duas mulheres católicas conseguiram passar o verdadeiro amor à Deus. Puro, gentil e misericordioso. A igreja sempre foi um lugar de conversa, de estar à vontade, brincar, atuar, fazer amigos e exercitar a fé. Ainda que na adolescência tenha havido um afastamento dos dogmas da Igreja, não houve o afastamento da fé.

Mediante essa história de vida, não é difícil perceber porque o projeto não conseguia tomar forma: o tom de homenagem estava impregnado no trabalho. Algo interessante encontrado ao longo do processo foi a paixão da pesquisadora pelas viagens religiosas realizadas com sua avó. A alegria e admiração descobertas ao visitar lugares escondidos por esse Brasil, lugares de fé. Iniciou-se a leitura da obra de Mário de Andrade, Arthur Ramos e Edison Carneiro, e houve uma identificação com o amor destes antropólogos por cada canto do Brasil e com seus históricos de viagens. Houve a ideia de construir uma “roupa-casa” de um pesquisador. Essa roupa traria muitos bolsos, um misto de antropólogo e sertanista. Mas ainda não parecia o ideal, pois ainda faltava a busca pelo Ser Nacional, pelo estado de fé. O projeto de traje território foi levado à pré-banca e foi aconselhada a criação de uma “roupa-mundo” que fosse algo híbrido entre o pesquisador e o ser cultural nacional.

Até que houve uma situação. No fundão, andando do prédio da EBA para o de letras, um homem pediu para fazer uma entrevista com a pesquisadora. Ele ligou uma câmera e começou a fazer perguntas sobre o atual governo. Filmou as respostas, editou de forma pejorativa e postou o vídeo em uma plataforma digital. Hoje o vídeo tem mais de um milhão de visualizações e conta com muitos comentários. Conforme o tempo foi passando e as pessoas comentando, a pesquisadora começou a observar um padrão nas mídias sociais: os piores comentários são escritos por pessoas com determinadas biografias, a maioria delas se diz “cristão”, “homem/mulher de bem”, “defensor da família”. O slogan do governo atual é “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. O Brasil que desperta tanta admiração por conta de sua rica cultura, e Deus, o autor das coisas mais bonitas já presenciadas pela aluna, sendo defendidos de forma hipócrita por pessoas. E a partir deste momento caiu a ficha de que só porque algo é puro, belo e sublime para alguém, não quer dizer que é assim para todo o mundo. Que muitas pessoas usam a religião e a boa intenção do povo para suas próprias causas, em favor do ego e do seu próprio poder. Houve a percepção de que aquele amor, que era capaz de tamanho sacrifício visto no Círio, que de início parecia bonito e genuíno, estava sendo usado para alienar uma parcela da população. Houve

a percepção de que a Palavra Cristã está sendo usada para fins contrários aos que pregava Jesus. Ao perceber tantas coisas, a pesquisadora se sentiu ainda mais motivada para continuar seu projeto. Ela devia usar essa raiva que passou a sentir de pessoas que pegam algo divino e transformam em uma arma. E tornar o desgosto pelos rumos do país, sendo a fé a melhor arma dos hipócritas para ganhar a população, em algo material, tornar esses sentimentos concretos, ainda em tom de homenagem, mas também questionador.

Deus é amor. E sempre vai ser amor. A humanidade apenas destorce os conceitos propagados. Talvez por falta de entendimento ou por conta da sedução das riquezas do mundo.

A partir dessa reflexão, começou a ser possível imaginar o projeto físico. Uma certeza era que o manto teria a iconografia original do Manto de Nossa Senhora. Manto este que pode ser abraço, mas tem sido usado como prisão. Surgiu a ideia de um manto híbrido, o qual começa brilhoso, claro, puro e vai escurecendo gradativamente, terminando em uma barra podre, escura, enlameada.

Objetivo

Os principais mandamentos cristãos são “Ame a mim sobre todas as coisas” e “Ame ao teu próximo como a ti mesmo”. Todo o resto é resto. As pessoas, por conta de suas humanidades e fraquezas, tendem a se achar detentores da verdade. Esse projeto visa criticar a hipocrisia que existe naqueles que usam o nome de Deus para pregar o que acreditam e que usam a fé do povo para conseguir poder e riquezas. Nenhum deles vai para o Reino dos Céus, de acordo com a Bíblia, mas ainda assim, eles tentam demonstrar que dizem palavras santas, levando pessoas ao erro, ao sacrifício, à miséria, ao desumano, apenas para satisfazer seus próprios desejos humanos. Por isso se utilizam de dogmas e regras, que possam fazer com que eles tenham credibilidade. A intenção com este trabalho de conclusão de curso é causar questionamento em torno da figura do manto, sem dar certezas sobre o que se trata. Ele deve ter uma interpretação única para cada pessoa que o ver.

Concretude do projeto

Desde o início da pesquisa, foi estabelecido que o processo seria atávico. A pesquisadora iria encontrar os caminhos por onde seguir conforme o trabalho fosse se movimentando.

A primeira medida tomada para tornar o manto real foi escolher o tecido algodão cru e cortá-lo no formato desejado. Logo após isso, começou a fase de construção dos capitonês. Já havia a ideia de que eles simbolizariam a centelha divina de cada pessoa, com suas singularidades. Foi um processo bem livre, no qual a produção foi levada a diversos espaços e diferentes ocasiões. Após isso, a disposição dos capitonês no manto foi feita.

Neste momento do processo, entre pesquisas sobre o Círio, sobre os antropólogos e sobre o cristianismo, veio à luz a lembrança de uma passagem bíblica repleta de significado para a pesquisadora. Jesus sempre falou em forma de parábolas, e esta especificamente, marcou de maneira especial.

A Parábola do Semeador:

“Naquele dia, saiu Jesus e sentou-se à beira do lago. Acercou-se dele, porém, uma tal multidão, que precisou entrar numa barca. Nela se assentou, enquanto a multidão ficava à margem. E seus discursos foram uma série de parábolas.

Disse ele: “Um semeador saiu a semear. E, semeando, parte da semente caiu ao longo do caminho; os pássaros vieram e comeram. Outra parte caiu em solo pedregoso, onde não havia muita terra, e nasceu logo, porque a terra era pouco profunda. Logo, porém, que o sol nasceu, queimou-se, por falta de raízes. Outras sementes caíram entre os espinhos: os espinhos cresceram e as sufocaram. Outras, enfim, caíram em terra boa: deram frutos, cem por um, sessenta por um, trinta por um. Aquele que tem ouvidos, ouça.”

Os discípulos aproximaram-se dele, então, para dizer-lhe: “Por que lhes falas em parábolas?” Respondeu Jesus: “Porque a vós é dado compreender os mistérios do Reino dos céus, mas a eles não. Ao que tem, se lhe dará em abundância, mas ao que não tem será tirado até mesmo o que não tem. Eis por que lhes falo em parábolas: para que, vendo, não vejam e, ouvindo, não ouçam nem compreendam. Assim se cumpre para eles o que foi dito pelo profeta Isaías: Ouvireis com vossos

ouvidos e não entendereis, olhareis com vossos olhos e não vereis, porque o coração deste povo se endureceu: taparam os seus ouvidos e fecharam os seus olhos, para que seus olhos não vejam e seus ouvidos não ouçam, nem seu coração compreenda; para que não se convertam e eu os sare (Is 6,9s). Mas, quanto a vós, bem-aventurados os vossos olhos, porque vêem! Ditosos os vossos ouvidos, porque ouvem! Eu vos declaro, em verdade: muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não o viram, ouvir o que ouvis e não ouviram.

“Ouvi, pois, o sentido da parábola do semeador: quando um homem ouve a palavra do Reino e não a entende, o Maligno vem e arranca o que foi semeado no seu coração. Este é aquele que recebeu a semente à beira do caminho. O solo pedregoso em que ela caiu é aquele que acolhe com alegria a palavra ouvida, mas não tem raízes, é inconstante: sobrevivendo uma tribulação ou uma perseguição por causa da palavra, logo se encontra uma ocasião de queda. O terreno que recebeu a semente entre os espinhos representa aquele que ouviu bem a palavra, mas nele os cuidados do mundo e a sedução das riquezas a sufocam e a tornam infrutuosa. A terra boa semeada é aquela que ouve a palavra e a compreende, e produz fruto: cem por um, sessenta por um, trinta por um.”

(BÍBLIA, Mateus, 13,1)

Esta passagem sintetiza o pensamento de que os seres humanos são falhos e nem sempre são terra fértil para os ensinamentos cristãos. Por diversos motivos, a semente pode não dar frutos. Nesta parábola, fala-se das sementes que ficam pelo meio do caminho, as que caem em terreno pedregoso e as que caem nos espinhos. Decidiu-se representar estes três tipos de terreno no manto.

Chegou a hora de sujar as mãos de terra. Alguns testes foram feitos, até chegar à solução de misturar terra com cola cascorez e água e passar no tecido com um pincel. As terras de diferentes cores são todas pertencentes ao campus do fundão, mais precisamente da reitoria. Foi feito um caminho terroso, no meio do manto alguns pedregulhos vieram junto com a terra e foram colados também.

Na barra, o efeito desejado era de lama, de algo oleoso, que simbolizasse a profundidade das fraquezas humanas, da distorção do que é divino no completo oposto. Para isso, a primeira tentativa foi modelar argila em cima da juta que foi colada por baixo da última camada de terra. A argila não deu exatamente o efeito de

cor, pois ficou mais claro que o esperado. Para escurecer e tornar a textura oleosa, usou-se betume com aguarrás mineral.

Para a representação dos espinhos, alguns galhos secos foram recolhidos no terreno do Hangar no campus do fundão, e foram colados com cola cascorez no manto.

Depois deste processo, era necessário iluminar a gola. A cor ouro foi escolhida, pois é uma pedra natural, assim como todo o material utilizado no projeto. Desde o tecido de algodão cru, até as terras, argilas, todas as coisas usadas, haviam vindo da terra anteriormente. Para manter este conceito, foi feita a escolha do ouro. A ideia era tornar a gola a parte grandiosa e sublime do manto, mostrando a grandiosidade e luminosidade dos ensinamentos propostos. Para engrandecer a gola, encontrou-se um pano de crochê numa feira popular do centro da cidade do Rio de Janeiro, e este foi endurecido com um endurecedor de crochê, colado no manto e reforçado com arames para permanecer de pé. Uma vez na posição correta, foi usada tinta spray dourada e Pátina Cera Acrilex para alcançar o tom de dourado desejado. No acabamento, foram usados cristais swarovski de três tons de dourado diferentes para incrementar os capitonês. Na gola, foram posicionadas algumas medalhinhas de santos, já que estes são a mais completa representação de pessoas que entenderam como o cristianismo devia ser vivido.

Ao final, uma rosa vermelha é colocada no centro do manto, onde os dois lados se unem. Ela simboliza a terra fértil, que dá vários frutos. É a esperança necessária para tempos sombrios.

Referências:



MANTO 2018

Escultora: Kátia Novellino
 Desenho: Celeste Heilmann
 Metais: Marcelo Monteiro / Ourugema
 Pedras: Lella Salame e Lillian Castro
 Bordado: Rosa Ventura e Antônio José Sousa
 Costura: Edyr Silva e Alade Vieira



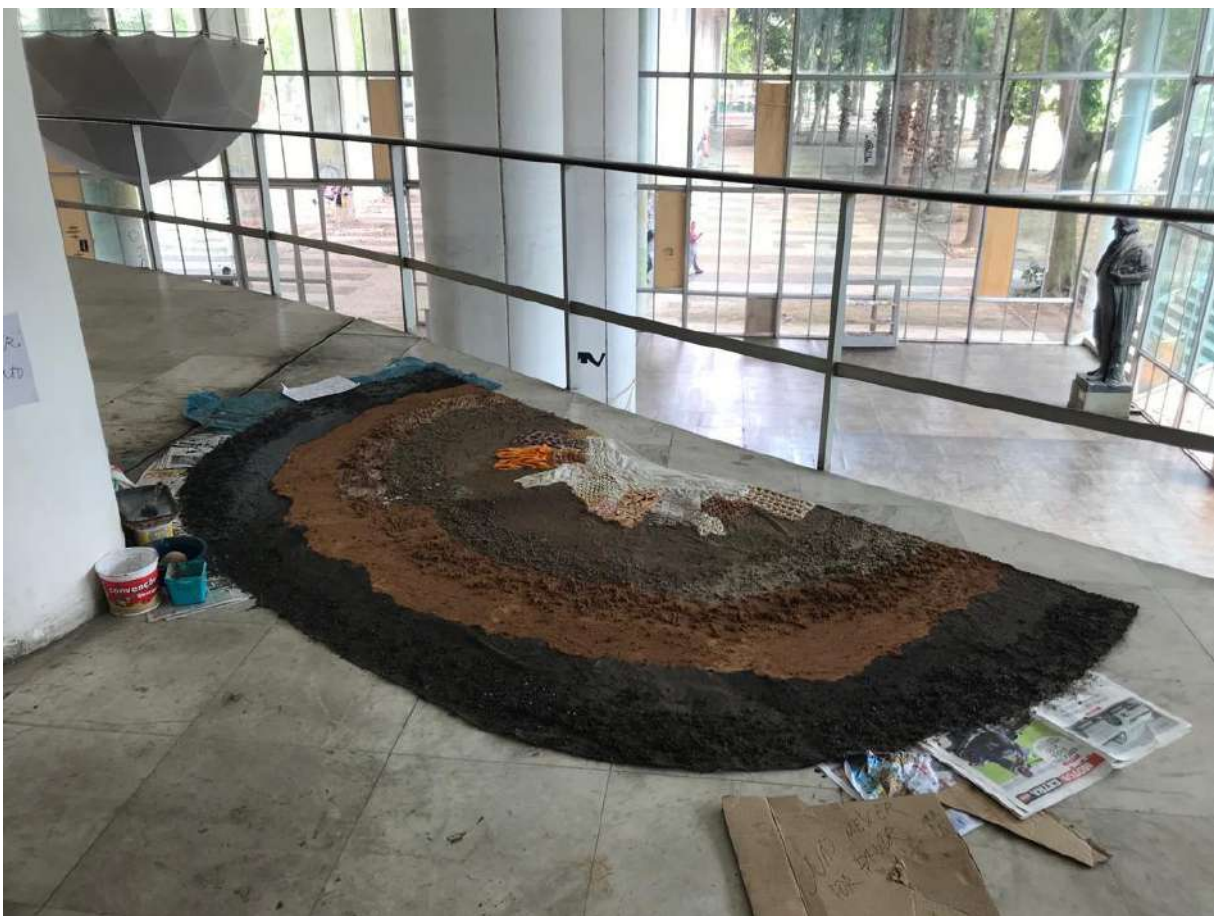
Fotos do processo:





















Bibliografias

ALVES, Isidoro. *O carnaval devoto – um estudo sobre a festa de Nazaré, em Belém*. Petrópolis, Vozes, 1980.

ALVES, Isidoro. *A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré*. Estud. av. vol.19 no.54 São Paulo May/Aug. 2005.

DOSSIÊ IPHAN Círio de Nazaré. Iphan, 2006. Disponível em:

http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_Cirio_m.pdf

ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. – Brasília, DF : Iphan, 2015.

BÍBLIA, N. T. Evangelho segundo São Mateus. In BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Edição Pastoral-Catequética. Tradução de Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Editora Ave-Maria, 2004. p. 1299-1300.